

# 25 Abril

ABRIL 2021

SUPLEMENTO DO JORNAL O



**3** pág.

O princípio do fim do regime

CLICA NO  
NÚMERO  
DE PÁGINA!

**4** pág.

A história de Domingos Abrantes, de revolucionário a conselheiro de estado

**14** pág.

MOVE  
Associativismo 25 de Abril

**16** pág.

Como viver o 25 de abril no séc. XXI



**Edição de imagem**

Inês Louro

**Edição de texto**

Ricardo Andrade e Rodrigo Andrade

**Edição**

Andreia Gil e Inês Louro

**Ilustrações**

Inês Louro

*“ É DE SAUDAR  
E SUBLINHAR  
O PAPEL E  
A CORAGEM  
DESTES  
MILITARES QUE  
DECIDIRAM PÔR  
FIM AO REGIME  
OPRESSOR QUE  
ASSOMBRAVA  
PORTUGAL ”*

## O PRINCÍPIO DO FIM DO REGIME

O levantamento das Caldas e o seu significado para o 25 de abril

Rodrigo Andrade

A 16 de março de 1974 deu-se o chamado “Levantamento das Caldas” ou “Golpe das Caldas”, uma tentativa falhada de golpe de Estado efetuada pelo Regimento de Infantaria nº5 que saiu das Caldas da Rainha em direção a Lisboa, com o objetivo de derrubar o regime do Estado Novo. Incorporado no Movimento das Forças Armadas (MFA), esta tentativa de golpe de Estado é consequência da política de manutenção da Guerra Colonial por parte de Marcello Caetano e partilha de muitas das frustrações dos Capitães de Abril que derrubaram o regime a 25 de abril de 1974. Descontentes com a manutenção da guerra e com a destituição do então Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas Francisco de Costa Gomes e do seu vice, António de Spínola devido à sua recusa de participarem numa cerimónia de apoio à política colonial de Marcello Caetano, este Regimento de Infantaria decidiu iniciar um golpe de estado, que viria a fracassar e a levar à prisão dos envolvidos depois de se ver sozinho nesta tentativa, sendo estes apenas libertos depois da Revolução dos Cravos. Apesar deste fracasso, esta tentativa veio a fortalecer o MFA e a trazer um novo espírito de revolução para o movimento sendo que, pouco mais de 1 mês depois, deu-se o 25 de abril. Alguns historiadores acreditam que o sucesso deste se deu ao efeito surpresa, pois o Estado Novo não estava à espera de que as forças revolucionárias se reagrupassem tão depressa e a tempo de efetuar um novo golpe pouco tempo depois desta primeira tentativa falhada. Com isto, é de saudar e sublinhar o papel e a coragem destes militares que decidiram pôr fim ao regime opressor que assombrou Portugal e enaltecendo, assim, a importância das Caldas da Rainha para o fim da ditadura e começo da democracia no nosso país.



# A HISTÓRIA DE DOMINGOS ABRANTES, DE REVOLUCIONÁRIO A CONSELHEIRO DE ESTADO

Revolucionário, preso político, ex-deputado e Conselheiro de Estado, Domingos Abrantes recebeu-nos na sede do Partido Comunista Português, onde o entrevistamos sobre a revolução de 25 de abril de 1974. Desde os seus tempos de mocidade revolucionária até à atualidade, passando pelo tempo que teve preso na prisão do Aljube e no Forte de Peniche, cobrimos um pouco de todos os aspetos da vida de uma das muitas pessoas que lutou contra a ditadura e que passou muito tempo na clandestinidade devido ao seu combate ao regime. Na entrevista o Sr. Domingos Abrantes, além de falar sobre a sua história, expõe a sua opinião política, que pertencem apenas ao próprio, não sendo necessariamente espalhadas pela AJO e não servindo este texto como mecanismo de propaganda das mesmas.



Foto: Público

## ENTREVISTA

Ricardo e Rodrigo Andrade

**AJO: Antes de mais queremos agradecer ao Domingos por ter aceitado o nosso convite para ser entrevistado por nós a propósito das celebrações do 25 de abril. Fale-nos um pouco da sua infância e como é que foi ser jovem e crescer em plena ditadura.**

D: Vivi metade da minha vida em ditadura fascista e metade depois do 25 de abril. Ainda por cima nasci num ano que tem um enorme significado para o nosso povo e para os povos do mundo visto que, 1936, é um ano que marcou muita vida da evolução da humanidade, que é a guerra de Espanha. Há muita gente que acha que de facto foi o primeiro ensaio da 2ª Guerra Mundial, com tudo o que isso significa e foi, sobretudo, o primeiro grande confronto entre as forças do fascismo à escala mundial e as forças antifascistas. Eu, portanto, nasci num bairro operário. Nasci em Vila Franca, que era uma terra de tradições democráticas. Basta ver as pessoas que ali estiveram e lutaram e depois, grande parte da minha vida, passeia no Poço de Bispo, que era um grande centro operário. Era operário, comecei muito jovem e, como é sabido, na altura os jovens começavam a trabalhar muito cedo. Era um bairro com grandes tradições de luta e com grande influência partidária e, portanto, nasci num ambiente de gente lutadora que não se conformava com a realidade que se via. Já tenho contado uma história muito curiosa. Quando fui para a fábrica tinha 11 anos e havia um velho mestre que era muito carinhoso com os aprendizes e, na aquela época, os aprendizes eram mal tratados, até muitas vezes por que razões de frustrações, por uma razão de hierarquia e, portanto, os mestres descarregavam nos miúdos aquilo que não descarregavam depois na hierarquia. Mas este não, era uma pessoa muito humana, muito empenhada em ajudar os jovens a progredir na carreira, porque também havia ali uma certa concorrência. Este era uma pessoa muito aberta, mas tinha uma coisa muito curiosa, que punha os miúdos a pensar na política. E este velho mestre, quando fui para a fábrica, teve uma conversa com os miúdos muito curiosa. Estamos a falar de 40 e tal, 47, ainda no rescaldo da guerra, com grandes esperanças de transformação de que o fascismo acompanhasse aquela derrota monumental do Nazi fascismo e isso depois não aconteceu, mas era um momento de esperança de que finalmente isto ia mudar. Então, ele dizia aos miúdos assim "Eu não sei nada de política nem sei o que é comunismo, mas há uma coisa que eu sei. Se os capitalistas não gostam é porque não é bom para eles. Se não é bom para eles, pode ser que seja

bom para a gente". Esta coisa primária é uma coisa muito curiosa porque é uma coisa lógica. Para eles não é bom, pode ser que seja bom para a gente.

**AJO: O Domingos diria que foi mais ou menos com este Mestre que começou a ganhar consciência de classes e das circunstâncias onde vivia.**

D: Eu assisti, apesar de ser miúdo, às greves de 43/44, porque aquilo era um bairro operário. A minha mãe na altura trabalhava na tabaqueira. As fábricas eram todas seguidas e eram grandes unidades fabris com milhares de trabalhadores. Naquela altura a grande parte da massa trabalhadora vivia junto às fábricas. Os bairros tinham sido construídos em função das fábricas. A grande massa vivia e trabalhava junto às fábricas. Toda a gente se conhecia porque ou era o filho de fulano ou de fulana ou porque ia à terça à fábrica com os pais e eu estava a uma esquina, na minha rua, e vejo uma massa gigantesca de trabalhadores, sobretudo mulheres, porque a fábrica de tabaco era quase tudo mulheres. Foram para a praça do Campo Pequeno e a polícia levou-as pela rua fora, portanto, dum lado os cavalos da GNR e do outro lado as mulheres, com uma grande combatividade. Mesmo apesar de irem presos aquilo era uma energia... Só gritavam "Temos fome, queremos pão, temos fome, queremos pão" pela rua fora e até, carinhosamente me tratavam. Aquilo despertou em mim uma coisa que nunca mais esqueci até hoje porque, um jovem miúdo, conhece aquela gente e que supostamente é gente boa e vai com a GNR. Depois comecei, naturalmente, a ter contactos na fábrica, depois aderi ao mundo juvenil. Depois, dediquei toda a minha vida à luta contra o fascismo e tive a felicidade de ver o derrubar do fascismo.

**AJO: Como revolucionário, como é que foi viver em clandestinidade e que atividades é que promovia e que os seus camaradas tentavam promover para tentar destabilizar o regime?**

D: Eu aderi ao MUD Juvenil que ainda é, até hoje, o maior movimento da juventude que existiu em Portugal, visto que até atingiu mais de 20 mil jovens, o que é uma coisa que, em termos de ditadura, é uma coisa fantástica e foi uma grande escola de formação de jovens revolucionários e de jovens antifascistas. Depois, mais tarde, tornei-me funcionário do partido [Partido Comunista Português]. Houve muita gente que lutou contra o fascismo e não foi clandestino. A luta não se fazia sem organização. Naturalmente que havia campanhas eleitorais com grande espontaneidade, com muita gente que vinha naqueles momentos estritos de pseudoliberalidade. Mas a luta continua, esta luta, esta chama, manteve as pessoas a lutar por melhores salários, por liberdade, contra a censura, por um ensino democrático. Isso não se faz sem organização e só podia haver organização clandestina, obviamente, visto que a função da polícia era, precisamente, privar as pessoas de terem atividade e, naturalmente, o núcleo fundamental dessa luta era, neste caso, o Partido Comunista, que era o único partido que tinha montado uma organização clandestina, tinha imprensa própria. O Avante! era o único jornal que não ia à censura, não havia outro, e eu costumava dizer que, quem hoje queira conhecer a vida social, política daqueles anos, tem que ir ao Avante!, que era o

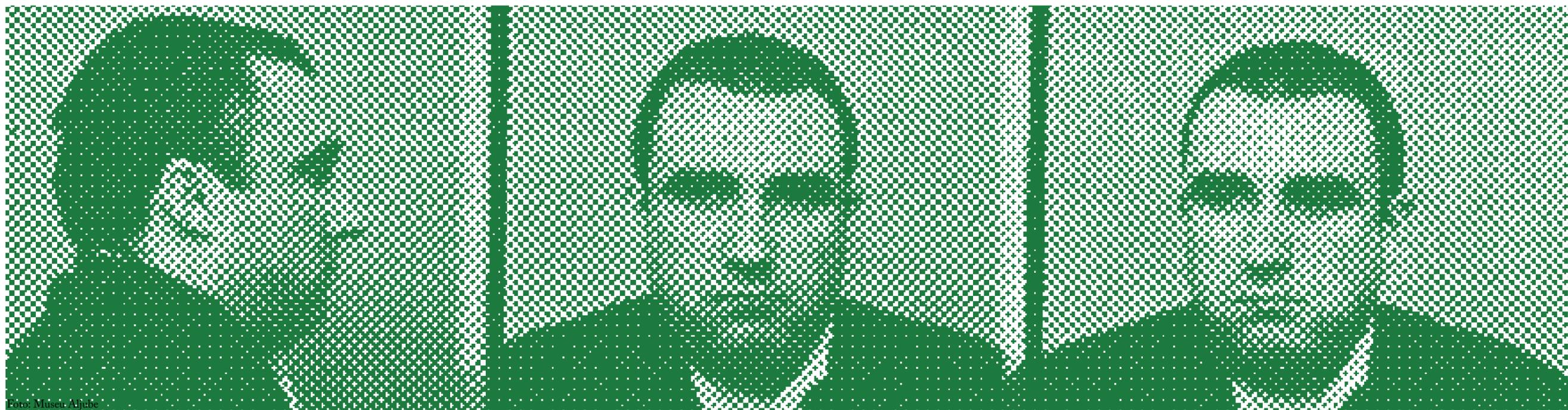


Foto: Museu Aljube

único jornal que não ia à censura, e que se tornou de um instrumento fundamental do esclarecimento para a organização, para dar notícias do mundo. A vida clandestina é uma vida difícil. Significa um corte com a vida normal. Passei anos e anos sem ver a família, mesmo os filhos. É um grande problema, mães e pais que não viram crescer os seus filhos, visto que as crianças não podiam estar na clandestinidade. Primeiro, até certa idade, por causa da escola. Mas os miúdos, por muito cuidado que se tenha, e não podiam estar sempre fechados em casa que isso era uma barbaridade, ou iam para o vizinho, ou iam brincar com os outros miúdos, era muito fácil fazerem confidências do que se passava. Mesmo muito pequenos que fossem, percebia-se que aquilo não era uma vida normal. Era um corte total com a vida normal. Sobretudo, os clandestinos tinham que ter uma outra preocupação, porque sabia que, a qualquer momento, se pode ser preso. Sabemos que há um aparelho policial, todo ele montado para o Partido Comunista, que era o único que montou uma organização clandestina, e isso faz toda a diferença porque, a seguir ao golpe fascista, criou-se a ideia de algumas forças políticas em que umas resolveram dissolver-se, outros passaram ao lado do regime e outros meteram na cabeça que não era possível lutar contra o fascismo. O grande mérito do Partido Comunista foi dizer, em primeiro lugar, que era preciso resistir, porque se não resistir então o esmagamento era maior, a miséria é muitíssimo maior. Todos os aumentos de salários que havia era por luta. A ideia que era necessário lutar e começou a haver gente disposta a lutar. Por exemplo, o 1º de maio de 1931 é uma grande jornada de luta. Dezenas de dezenas de milhares de pessoas a afrontar o fascismo e, depois, a conclusão de que esta luta só podia ter futuro se estivesse sustentada na organização e na imprensa, mas que os trabalhadores não tinham acesso à imprensa nem ao esclarecimento. A imprensa funcionava não só como uma forma de esclarecimento. Reparem que havia pessoas que tinham ligação ao partido só para lerem a imprensa. Há até uma coisa muito curiosa. Um processo no Porto, no tempo da guer-

ra de Espanha em que foram presas 400 e tal pessoas, a grande parte só porque liam o *Avante!* para saberem o que era a guerra de Espanha e a sua evolução. Quem estava na clandestinidade sabia que a polícia, dia e noite, andava à procura dessas pessoas porque, prendendo os clandestinos, era a forma de quebrar a luta organizada, e esta luta de uma pessoa viver sempre a pensar nisto, levantar-se, estar em casa, qualquer som, sempre a deitar-se a pensar que a polícia vinha. Normalmente até assaltavam as casas durante a noite e havia papeis para queimar. Isto do ponto de vista psicológico uma pessoa viver uma vida inteira à espera de ser preso é um problema. Havia muita gente que, a seguir ao 25 de abril, uns por conveniência, diziam “Não sabia, não conhecia” [que havia repressão e que se vivia em ditadura]. O problema que nós hoje temos, com estas conversas e com as idas às escolas, é necessário que, no nosso país, não haja ninguém que possa dizer que não sabia. Pode depois não querer seguir esse caminho, mas têm que saber que havia porque, desconhecer essa realidade concreta, é um caminho perigosíssimo para a defesa da liberdade, porque a liberdade que vivemos hoje, implicou enormes sacrifícios. Houve pessoas que perderam a vida. Eu estou aqui, assisti ao 25 de abril, mas não me posso esquecer que houve muita gente que não viu o 25 de abril. Morreram no campo de concentração, foram torturados até à morte. Esta liberdade não caiu do céu. Esta liberdade exigiu enormes sacrifícios, humanos, pessoais e esta é a mensagem fundamental.

**AJO: Depois foi preso, como é que foi esta experiência e o tempo que passou na prisão.**

D: Fui preso pela primeira vez em 1959, fui preso na rua. A polícia montou-me um cerco, teve o conhecimento do sítio onde eu ia. Nessa altura acompanhava as fabricas da Amadora e fui preso na rua, a polícia nem sabia quem eu era. Sabia que era um clandestino, mas não sabia quem eu era. A primeira coisa que perguntou foi, aliás o nome “Como é que se chama?”. Eu não lhes disse. À polícia nem

nome, nem bom dia, nem boa tarde, zero. Cheguei à Maria Cardoso [Rua onde se situava a sede da PIDE/DGS e onde eram conduzidos alguns interrogatórios], o inspetor perguntou aos “Pides” “Quem é ele?” e eles disseram “Ele não diz” e, portanto, fui preso em 59. Depois fugi em dezembro de 1961 que, aliás, faz este ano 60 anos. É um acontecimento extraordinário, que é a fuga de Caxias no carro blindado, no carro do Salazar que estava na cadeira da PIDE. É conhecida como “A fuga do carro blindado do Salazar”, é assim que passou à história. É a fuga de Caxias, mas passou à história como “A fuga do carro blindado”, que é uma fuga que tem contornos muito particulares, desde logo políticos, porque eramos um número muito significativo, eramos 8 e porque foi logo a seguir à fuga de Peniche. Depois, tem estes ingredientes porque primeiro, a polícia, que a função própria era prender os comunistas, que Salazar tinha definido os comunistas como o inimigo principal, por razões óbvias e, depois, há umas pessoas que fogem no carro dele (risos). Ainda por cima, numa cadeia da polícia. Na altura o diretor era um inspetor da PIDE e depois a complexidade toda da fuga, que é uma coisa muito longa. Fugir num carro de um interior de uma cadeia, numa cadeia fechada e nas barbas da polícia, porque eles assistiram a tudo. É uma fuga que se desenrola durante o dia, normalmente as fugas eram às escondidas (risos). Esta é à luz do dia, nas barbas deles. Reparem que há um relatório feito pela GNR rigorosíssimo porque assistiram a todos os momentos. Impotentes por atuar, com a rapidez. Depois até houve GNR’s que foram submetidos a interrogatórios e a inquéritos porque podiam ter tido convívência, mas eles próprios concluíram que a rapidez com que se procedeu a fuga, a reação era tardia. A fuga é 1 minuto, mas um minuto, para quem vai a fugir é uma eternidade e sobretudo porque está ali a polícia (risos). Têm espingardas e disparam só que sempre atrasados. Depois voltei a ser presos em 1965. Aí depois foi um bocadinho mais complicado.

**AJO: Como é que foi planejar esta fuga lá dentro da prisão? Como é que foi planeada?**

D: Havia uma orientação do PCP de que os clandestinos, nestes casos os funcionários do partido, tudo deviam fazer para fugir, porque se não fazem não fogem. Ninguém vai abrir a porta “Vocês façam favor de sair” (risos), mas há uma grande diferença entre tentar fugir e fugir, como é óbvio. Às vezes a gente até descobre pontos fracos da cadeia, mas não tem acesso àquele local. Quem quer fugir tem que pensar todos os dias, de dia e de noite. A fuga demorou 19 meses a preparar porque está-se preso, está-se fechado, só se sai meia hora por dia da sala. Não há telefones nem emails, é tudo por mensagens e tem uma proporção muito longa e, nesta fuga, foi preciso resolver problemas de enorme complexidade. Houve um camarada que foi infiltrado no aparelho da cadeia, que é uma coisa de grande coragem, visto que ele teve que se passar como se fosse inimigo, como se tivesse abandonado as ideias e traído o partido. Para as pessoas que não sabiam, e a grande parte dos presos não sabiam e ele não podia dizer que estava a trabalhar para o partido, ele passou a ser um traidor, era assim que era olhado. Mesmo as nossas famílias cortaram com a familiar dele. Ele a partir daquele momento, era um traidor.

**AJO: Para ficar para a memória, qual era o nome desse camarada?**

D: António Tereso. Ele era trabalhador da Carris e os trabalhadores da Carris tinham um grande trabalho de solidariedade com os seus camaradas de trabalho e os trabalhadores organizavam-se e pagavam os salários dos colegas que estavam presos. A ele deixaram de lhe pagar, obviamente que não se paga salários a um traidor. A família dele foi desprezada pelas outras famílias, era a família de um traidor. Apesar disto, beneficiava das vantagens que um traidor tinha, como visitas em comum. É precisa uma coragem e uma vontade de servir enorme, porque se não

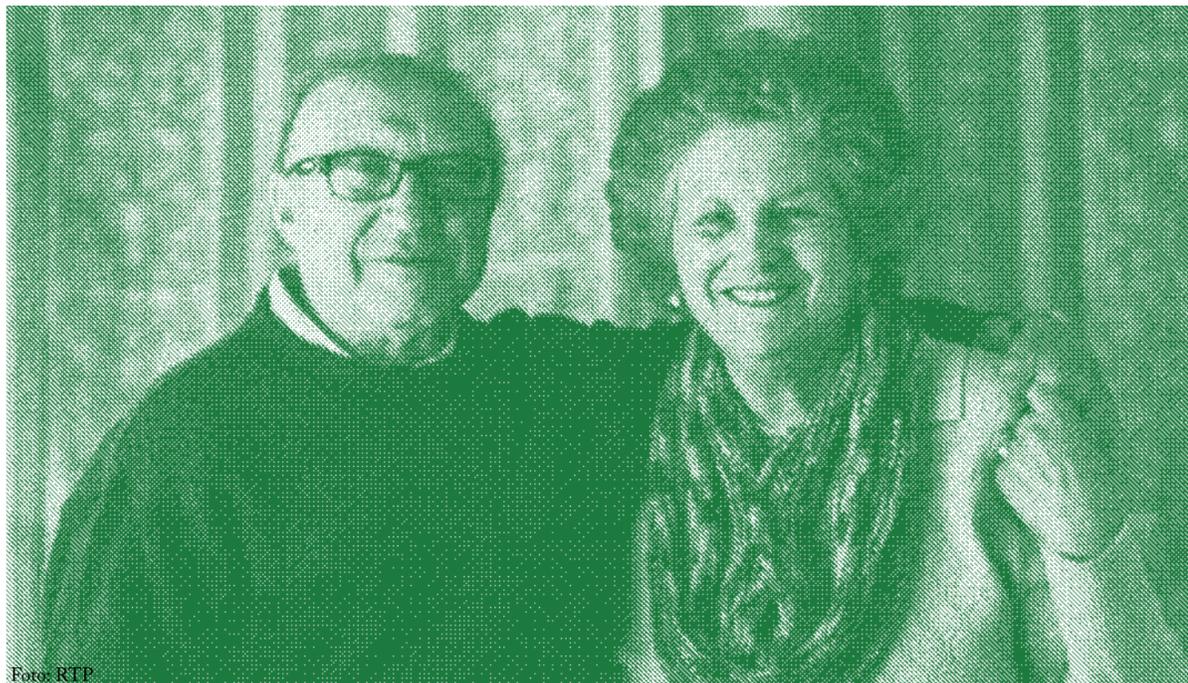


Foto: RTP

houvesse a fuga até ao 25 de abril ele continuava a ser um traidor. Ele não podia depois dizer “Eu estou a trabalhar para o partido”. Tinha que viver com esse label e eram muito poucas as pessoas que sabiam desse trabalho. Ele teve um papel fantástico por isso e, sobretudo porque nós estávamos confinados numa sala de onde só saíamos meia hora por dia quando não chovia e sempre para o mesmo sítio e, portanto, não tínhamos um conhecimento interno da cadeia e, quem quer fugir, tem que conhecer a cadeia. Onde é que há guardas, onde é que não há guardas, quais são os portões que estão fechados. Esse trabalho só pode fazer quem vai ver. A direção da cadeia tinha uma enorme confiança nele. Era o preso com quem tinham mais confiança e mesmo os guardas, quando queriam alguma coisa do diretor, pediam a ele para pedir ao diretor. Ele praticamente entrava no gabinete do diretor sem pedir autorização. Aliás, o diretor era um fulano um bocado megalómano e ele engraxava-o, aquilo era como manteiga (risos). Era muito suscetível a esses elogios. Ele, a certa altura, concluiu que não era possível fugir do sítio onde nós estávamos, mas foi ele que descobriu o carro na garagem e foi ele que nos propôs fugirmos de carro. Na altura o carro nem trabalhava, tinha um segredo para ninguém utilizar o carro. Ele esteve muito tempo a descobrir o segredo do carro. Nem o diretor conhecia o segredo do carro. Ele andou muito tempo até descobrir o segredo do carro, mas, quando ele nos propôs fugir no carro, aquilo foi uma bomba. Para já, porque nós não podíamos ir ter com o carro, o carro é que tinha de ir ter connosco. São meses e meses a responder a estas questões, “Como é que o carro sai?”. A cadeia tem portões e não estão abertos, o carro consegue rebar com os portões? Uma coisa de uma enorme complexidade. Depois havia um problema, o carro era ou não era blindado? Era a grande questão que se punha. É claro que havia a informação que era, mas entre o haver informação e ser... havia uma coisa que desde o principio estava completamente, para nós, certa, é que a polícia ia assistir à fuga. Aliás, quando o carro chegou, porque ele foi buscar o carro na hora do recreio, a própria escolha do

dia e hora é tudo de uma enorme complexidade, porque a gente nunca sabia quando ia para o recreio. O recreio tinha que ser às 9 da manhã. Quando o carro chegou, veio de marcha atrás. Aquilo era um túnel e só podia ser de marcha atrás porque não podia fazer manobras e nem tinha tempo para isso, porque aí a polícia disparava mesmo e passava os presos. Era um recreio onde a GNR estava present e com espingardas com carabina e, quando o carro chegou, o espaço era tão curto, que eu sentia a espingarda do GNR nas coisas e foi o GNR até que me empurrou para o carro, porque estava em cima dele. Pronto, e lá fomos.

**AJO: Fale-nos um pouco da experiência mesmo dentro da prisão, tanto na primeira como depois na segunda, quando esteve já em Peniche, e se depois na segunda, por causa da fuga, se sentia que havia ali mais controlo. De certa forma, se sentia que o Estado Novo estava a vingar-se da sua fuga.**

D: Isso é uma evidência. Na primeira prisão era mais novo. Tinha, como se costuma dizer, sangue na guelra. Provocava a polícia, chamava-lhes nomes, “Vocês são uns ladrões” e é uma coisa curiosa, a polícia nunca me bateu por lhes chamar assassinos. Achavam que tinha um certo orgulho e até diziam “Se há alguma coisa de que nos arrependemos é de não termos matado mais”. Não se incomodavam com isso. Mas se lhe chamasse ladrões isso então... (risos). Mas era um facto, porque eles tinham roubado tudo. Até costume contar uma história em que me podia ter metido numa grande alhada. Podiam-me ter desfeito completamente. Quando ia aos interrogatórios, na primeira prisão, houve um raio de um polícia que meteu na cabeça que eu lhe devia dizer bom dia, boa tarde e boa noite. A grande coroa de glória dele era ouvir-me dizer bom dia, boa tarde e boa noite. Tanto fosse às 4 da manhã o homem dizia “Bom dia” e eu muita calada. Eles seringavam-me a cabeça “Você é um malcriado. Você é um comunista da merda. Cumprimentar as pessoas é uma coisa elementar da educação.” Eu já estava chateado e um dia disse-lhe “Você não

insista, eu jamais lhe vou dizer bom dia, boa tarde e boa noite, não insista”, e no dia 12 de agosto de 1959, que são daquelas coisas que ficam gravadas, eu estava nos corros do Aljube e o guarda trouxe a refeição, deixou a porta entreaberta e eu pendurei-me nas grades e vi, pelo postigo, que ele estava a ler o Século de costas viradas para a cela. Vi toda a largura do século e dizia “Foguetão Soviético a caminho da Lua”. O homem olhou, viu-me pendurado e pensou “O gajo viu a notícia”. Ficou danado, abriu a porta e disse “Tudo mentira! Propaganda comunista!” (risos). E eu disse-lhe “Senhor guarda, o que está aí é verdade” e ele “Não é nada, tudo mentira! Propaganda comunista!”. Ninguém lhe tirava que era propaganda comunista, e logo n’O Século! Nessa noite, eles deixavam-nos adormecer e depois é que nos vinham acordar para o interrogatório, lá pelas 2/3 da manhã. E quem é que me aparece? Esse PIDE do bom dia, boa tarde e boa noite e eu pensei “Agora é que vai ser” e fiz uma provocação (risos). Reparem que estava isolado, não tinha visitas e não sabia de nada, não tinha contacto com ninguém e disse assim “Ouvi dizer que os Americanos mandaram um americano para a Lua.” O que eu fui dizer... ali, até à Maria Cardozo, chamou-me todos os nomes possíveis e imagináveis. O homem espumava e eu a pensar “Já ganhei, o primeiro round é meu!” (risos). Não fazem ideia, o homem ia completamente possesso. Começamos a subir para o terceiro andar e nem na escada de calou. Cheguei ao cimo da escada, estava o inspetor Farinha à minha espera. Era uma figura sinistra, quase sem dentes. Era uma figura sinistra mesmo, ele era muito alto, tinha os dentes cariados, um pé enorme. Ele não fumava, ele comia cigarros. Ele metia o cigarro à boca e chupava até ao fim. Ouvi aquela barulheira toda e perguntou ao PIDE o que se passava e ele disse “Senhor inspetor, este filho desta e daquela veja lá, provocou-me a dizer que os americanos mandaram um foguetão para a Lua” e ficou à espera de que o inspetor lhe dissesse para me dar umas cacetadas (risos). Mesmo à espera da ordem para me desfazer. E o inspetor Farinha, é mesmo daquelas coisas da mitologia. Olhou para mim, olhou para o PIDE, olhou para mim, olhou para o PIDE, não havia meio de se decidir, só fazia isto. E o inspetor Farinha disse “Não foram os americanos nem russos, foi a humanidade!” (risos). O PIDE arregalou os olhos, deve ter pensado que o inspetor tinha pifado, e lá me saí. Depois, eu tive o azar de, quando estava em Caxias, deu-se a fuga de Peniche e eu fiz parte de um grupo de 10 presos que fomos substituir os 10 que tinham fugido. Eles depois fizeram remodelações e alteraram as medidas de segurança e, naquela altura, aquilo era um regime de cortar a faca. Tínhamos que pagar as favas porque tinham fugido. Foi um período muito duro, muito difícil. Da primeira vez que fui preso, tive 15 dias na tortura do sono, mas foram 3 dias, depois 6 dias, depois mais 3 e mais 3. Eu, na minha ingenuidade disse “Vocês já me conhecem, não vos vou dizer nada. Estão a perder tempo” e foi uma dose que ultrapassou as expectativas, que acabei por estar 16 dias na tortura do sono. Perde-se a noção do tempo e nem se está em condições de controlar o tempo, e só sei que foram 16 dias porque a minha mulher, fomos presos no mesmo dia, e ela foi para os interrogatórios no dia em que eu fui para Caxias e, como ela foi riscando com a unha no movel os dias que lá estive, é só por isso que eu sei. Quando chegou ao fim disso tudo eu tinha fugido e, então, o inspetor disse-me “Você tem aqui uma

conta para pagar, porque a fuga lapidou o erário público. Levaram um carro, amascaram o carro e partiram o portão da cadeia”. Deram-me 10 dias de Segredo por causa de ter lapidado o erário público. Ora o segredo era uma cova, era um buraco. Já tenho dito, entrasse ali é como se tivesse sido enterrado vivo. Não há luz, é noite escura. Os corros do Aljube são maus, mas, apesar de tudo, ainda entra alguma luminosidade e a gente houve os guardas, houvesse os elétricos a passar. Ali é escuro e é silêncio absoluto. Para quem não viveu, é como se tivesse sido enterrado vivo. Depois disso fui para Peniche, já me conheciam e, curiosamente, nem sequer fui a tribunal, recebi a sentença por correio (risos). Mas o regime em Peniche era um regime muito duro porque eu estive sempre em regime celular. Tenho mais de 9 anos de regime celular. Ainda por cima já estava preso, já tinha sido interrogado e depois em Peniche tinham inventado uma coisa que era o período de observação, que era 1 mês de isolamento completo numa cela. Nem recreio, nem convívio nem nada.

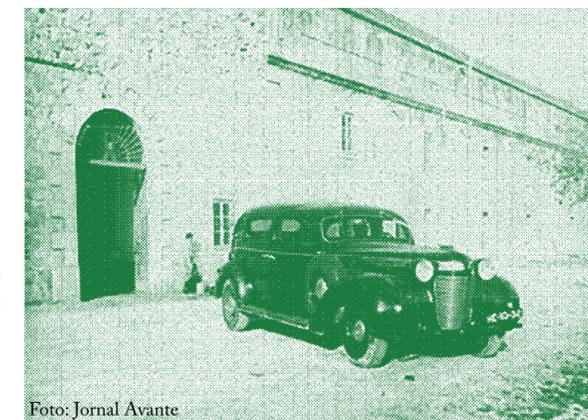


Foto: Jornal Avante

**AJO: Voltando agora um bocadinho atrás, o Senhor casou-se entre as duas prisões.**

Sim, eu quando fui a primeira vez era solteiro. Depois fugi e tal, casei com a minha companheira atual, a Conceição, só que, para o fascismo, não está casado no papel, não é como hoje, não havia as uniões de facto. Portanto, não éramos casados, o fascismo não reconhecia, nem mesmo com filhos, isso é um drama que se criou porque, portanto, entre os clandestinos muitas vezes eram filhos de pais incógnitos, não era possível registar e pior ainda quando eram mulheres que tinham alterado a vida, tinham reconstituído a vida, portanto os filhos eram filhos do 1º marido, legalmente, houve pessoas que só depois do 25 de Abril puderam recuperar o nome. Ainda há pouco tempo morreu o Gaspar Ferreira, um físico famoso que, quando foi preso, a mãe não era divorciada, não se podia divorciar, o pai não era pai. Não podia visitar porque não era pai. Só depois do 25 de abril conseguiu alterar o nome para o nome do pai. Portanto a Conceição, quando saiu da cadeia, nós não éramos marido e mulher, à luz da moral fascista e tal. E, portanto, não nos podíamos visitar, nem escrever! Portanto, eu tinha que escrever para a minha irmã, ela escrevia como se fosse a minha irmã, por vezes a polícia, os guardas achavam que aquilo não era uma linguagem muito adequada entre irmãos, mas lá ia a carta, ficava pelo caminho e, portanto, tivemos quase 4 anos e tal sem nos vermos. Mas ela lá foi, lá foi, e a certa altura pedimos autorização para

casar, demorou imenso tempo, lá veio a resposta, implicavam com os padrinhos, riscavam todos os padrinhos. Aliás, no próprio dia do casamento não havia padrinho. Aliás, o meu cunhado que ia assistir ao casamento passou a ser o padrinho. Mas o casamento é uma coisa formalíssima, foram uns minutos, nem houve boda nem fotografias, aliás estão lá, no forte de Peniche, é um casamento que não tem o noivo (risos). É uma coisa curiosa, nas fotografias estão os padrinhos e a família à porta que foi assistir, mas não há fotografias com o noivo. Foi uma coisa muito rápida.

#### AJO: Depois sai um pouco antes do 25 de Abril não é?

Sim eu saí da cadeia no dia 23 de março de 1973, portanto já muito próximo. E passámos à clandestinidade no dia 6 de fevereiro de 1974, dois meses antes do 25 de abril. Claro que nem nos passava pela cabeça que 2 meses depois estamos a viver o 25 de abril, mas tivemos a felicidade de viver esse momento extraordinário.

#### AJO: Mas nessa altura depois de sair, de começar a ter algum contacto com Portugal, houve aquele golpe nas Caldas da Rainha, um pouco antes, foi aí que começou a sentir que o regime estava no fim?

Não, como disse, o ambiente era já de fim de regime. Eu costumo dizer que já se cheirava, era só cheirar. A situação era já muito difícil, porque era cada mais, mais a contestação, as contradições internas, os gastos da guerra pesavam sobre a vida económica. Nós éramos um país pobre e pouco desenvolvido. O que se gastava com a guerra... O número de pessoas envolvidas, as oscilações dentro das forças armadas, a tentativa de golpe Botelho Moniz, o livro do Spínola, que eram coisas para manter o regime, para se salvar o que pudesse, mas havia a consciência que não era possível manter o que estava. Mesmo a estratégia do Spínola, mesmo depois do 25 de Abril, era ver se aguentava o estado fascista, ainda nomeou polícia, tentou um novo diretor da PIDE. A ideia dele era manter a PIDE, manter

os presos. Repare que os presos só foram libertados dia 27. Essa gente achava que a não haver mexidas isto ia ao fundo. Era uma estratégia de mudar alguma coisa para ficar tudo na mesma. Mas esse não era o quadro dos militares do MFA, das grandes lutas. O 1º de Maio tornou-se uma grande jornada, de luta. As grandes movimentações que havia, havia um momento já muito de crise do regime. Repare que o livro do Álvaro Cunhal chama-se "Rumo à Vitória" [lançado em 1962]. Era um documento construído na ideia que se estava a caminhar para a vitória, ainda que fossem 12 anos. Mas de facto é um trabalho. O 1º de maio de 62 significa uma mudança gigantesca. São mais de 100 mil pessoas na rua, em regime fascista. Aas 8 horas nos campos não foi decretado, foi conquistado! O regime não esteve em condições de impedir essa conquista. Não chegou lá nenhuma lei que dissesse "A partir de hoje passa a vigorar o horário das 8 horas nos campos". Entrou! Quando há dezenas, centenas de milhares de pessoas que se põem em movimento, não há nenhum regime, a não ser que queira liquidar aquelas pessoas, que se aguenta. Era um caminho que se ia vendo. Claro que o 1º de Maio de 74, que é uma coisa gigantesca, a revolução começa de facto nesse dia. Não é no 25 de Abril. No 25 de abril o MFA derrubou uma ditadura, mas não derrubou o fascismo, não liquidou o fascismo. O fascismo manteve-se e aliás houve ali um período real de continuar a haver fascismo. Mas o 1º de Maio estava a ser preparado de facto como uma grande luta contra o regime. É muito curioso que os primeiros contactos que houve com o Spínola, a 26 de Abril, com uma delegação da CGTP, já vinha dizer que o 1º de Maio seria feriado. E o Spínola disse que não. Mas alguém lhe disse ao ouvido "é melhor, é melhor haver feriado, que vai mesmo haver feriado" (risos). Porque mesmo quando a delegação do PCP esteve com o Spínola no dia 30 de Abril, véspera do 1º de Maio, aliás os camaradas que até vieram da Cova da Moura onde estava a Junta de Salvação Nacional para a reunião do 1º de Maio, o Spínola deixou um recado. Amanhã vai ser 1º de Maio, e amanhã é que se vai ver se os comunistas são dignos da



Foto: Arquivos RFP

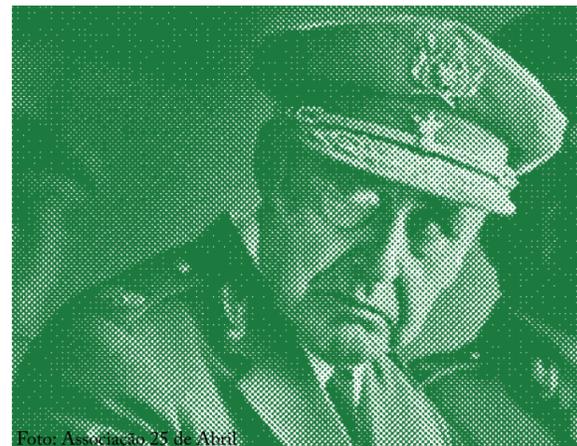


Foto: Associação 25 de Abril

liberdade que reivindicam. Por acaso enganou-se porque o 1º de Maio foi de facto uma jornada de consolidação das conquistas do 25 de Abril.

#### AJO: E aqui o que é que o Domingo sentiu quando se apercebeu que o regime tinha caído, que o Estado Novo já não existia.

Claro que os primeiros momentos foram de muitas interrogações. Eu estava na Bélgica, tinha ido a uma reunião a Bruxelas, com os representantes dos movimentos de libertação nacional e, portanto, eu vinha em transito de Bruxelas para Paris. Portanto foi à chegada a Paris que soube do 25 de Abril. O 25 de Abril deu-se vinha no comboio (risos). Cheguei a Paris, estava a minha companhia à minha espera, na estação de comboio, e disse-me, "O Marcelo caiu, o Marcelo caiu" [Marcelo Caetano, sucessor de Salazar como Presidente do Conselho do Estado Novo]. Chegámos a casa, ela até tinha gravado as primeiras imagens. Foi a um centro comercial comprar um gravador para gravar as emissões. Ligámos a televisão francesa. Epá, aquelas múmias da Junta de Salvação. Uma coisa de terror, de terror. Porque? O Spínola era um Nazi assumido, um nazi assumido, não vale a pena. Pronto, repare que ele andou, combateu ao lado das tropas Hitlerianas na União Soviética, era um nazi assumido. O Silvério Marques era fascista também. Havia outros que a gente não sabia bem, o Rosa Coutinho. Mas aquela Junta metia medo, metia medo. E estiveram quase a liquidar o 25 de Abril. O grande erro do MFA, felizmente depois puxaram o fio, foi como eu costumo dizer, conquistaram o poder e depois foram entregar o poder aos generais. Esteve quase a repetir o 5 de outubro de 1910. A malta da rotunda que derrubou a monarquia (risos) foi dar aos homens da cartola o poder que logo no dia seguinte disse "Meus amigos, vão para os quartéis, passem para cá as espingardas, agora trabalho e disciplina". Se eu for agora ler o discurso do praça do município está lá tudo. "Isto agora é connosco. Essas veleidades da República, das Igualdades, isso é tudo conversa". E esteve quase a repetir-se o mesmo. Repare que quando o Spínola foi à Pontinha, atestar-se com o MFA, já levava o novo programa do MFA, que é uma coisa... O programa do MFA escrito por ele! Que era "agora os militares, tudo para os quartéis que isto agora é comigo". Felizmente os militares disseram "Nem pó, nem pó!". E é aí que surge o conflito da revolução contrarrevolução. Os militares, em boa hora, não se autodissolveram, não

voltaram aos quartéis e, portanto, isto esteve tudo por um fio. Convém não esquecer, o Spínola nomeou um diretor da PIDE. A ideia dele era manter o aparelho de estado fascista. Mesmo na conversa que houve com ele, libertades sindicais era uma coisa... A guerra era para continuar! A independência das colinas, nem pó! Aliás, era o grande cavalo dele. Ele inventou aquela tanga da suspensão da hostilidade porque os militares não queriam continuar a combater. Mas os movimentos de libertação não morde-ram o isco. O problema dele era ganhar tempo, também não sei como é que ele ia manter isso. Já havia as tropas a irem-se embora. Mas a ideia dele era muito clara, manter a guerra colonial.

#### AJO: E quais foram as prioridades imediatas depois da revolução para assegurar que iria haver e havia democracia?

Nós tínhamos na unidade antifascista, o PCP tinha uma posição diferente da generalidade dos setores democráticos e sobretudo dos democratas liberais, digamos assim. Porque, na unidade antifascista, o que era comum a todas as forças era a necessidade de restaurar as liberdades políticas. Era quase a única coisa comum. Já em relação à independência das colónias, a maior parte das forças democráticas queria a manutenção das colónias. Mesmo o Partido Socialista, repare, só muito tarde, até só em março de 74, é que pôs preto no branco o problema da independência das colónias. Mário Soares vinha do Diretório Democrático Social que era a favor das colónias, da burguesia liberal. Mas o PCP tinha uma posição diferente porque era o único partido que tinha uma definição de fascismo. O fascismo não era só o poder político, era o poder económico. O fascismo era o poder político a servir o poder económico. E foi por isso que se sustentou. O fascismo existiu porque? Porque eram pessoas más? Não, porque era uma solução política para resolver o problema do apoio aos agrários, aos latifundiários, aos grandes monopolistas, às grandes fortunas que se criaram à sombra da privação das liberdades e da, digamos, da ausência de greves, de organizações sindicais. E, portanto, o PCP tinha uma posição clara. Era necessário liquidar o poder político, mas era necessário liquidar o poder económico do fascismo. Nós éramos um país dominante e dominado, dominávamos colónias, mas o imperialismo dominava as nossas riquezas fundamentais. Portugal estava na NATO, etc. etc. Portanto não era possível na nossa ótica [PCP] haver um país livre, independente, soberano, com uma política virada para satisfazer as necessidades do nosso povo, mantendo o poder económico daqueles que tinham sido a razão do fascismo. Ora este confronto que atravessou toda a oposição antifascista esteve claro no 25 de abril, quer pelos Spínolistas, que nem queriam pensar em mudanças das estruturas económicas. O próprio Partido Socialista tinha um programa mais avançado que o nosso [do PCP], em muitos aspetos, mais radical, mas era no papel. Claro, não tiveram força de impedir a reforma agrária, nacionalizações, mas depois toda a vida foram contra isso. A Constituição da República consagrou as conquistas da revolução. Até aí era tudo provisório. Mas o 25 de abril é uma revolução. Não foi uma mudança de regime! Mas a revolução começa no 1º de Maio, quando as massas populares vêm à rua. Não vieram só "Viva a liberdade!". Não! Fizeram



Foto: Peter de Jora

isso, mas depois, queriam melhores salários, as mulheres queriam os seus direitos próprios, os trabalhadores queriam liberdade sindical! Tudo isso foi conquistado, não foi o regime que deu! O próprio direito de manifestação, que era uma coisa proibida no fascismo, na lei só surgiu mais tarde! Portanto, a constituição o que fez? Transformou em definitivo aquilo que era provisório. O grande mérito da Constituição foi tornar o regime democrático e consagrar as conquistas populares. Depois naturalmente aqueles que nunca se conformaram com isso começaram a alterar a Constituição para alterar a reconstituição dos bancos. Toda a banca hoje é privatizada tirando a Caixa [Geral de Depósitos]. A Reforma Agrária foi à vida, houve a reconstituição do latifúndio. Perduram felizmente algumas conquistas, mas grande parte delas já lá vão. Há uma coisa que é evidente. Não é possível garantir ao nosso povo um bem-estar, progresso, desenvolvimento, independência social e simultaneamente manter o domínio económico dos grandes grupos económicos e financeiros. Podemos discutir, mas isto está à nossa vista! A vida do nosso povo piorou, não melhorou!

**AJO: Então, fez-se a revolução já passaram 47 anos, e queríamos perguntar-lhe qual é a opinião do Dominigos sobre a ascensão de movimento de extrema-direita, não só na Europa, mas no mundo inteiro na atualidade.**

Ora bem, primeiro, nós estamos numa experiência, e nós temos uma experiência, como muitos outros povos, que o fascismo não é um problema conjetural. Não foi uma coisa do passado. A seguir ao 25 de Abril houve quem quisesse convencer que foi uma coisa do passado. Não, o fascismo é uma realidade que nunca deixou de existir. Desde 1918, 19 e tal. O fascismo é uma resposta do capitalismo, na nossa ótica, às crises económicas e financeiras, que quando o capitalismo já não consegue manter o sistema, e sobretudo não consegue manter os níveis de exploração, em regime de liberdade democrática. Isto é, com parlamentos, com partidos políticos com eleições, com direito à greve, com sindicatos, que naturalmente resistem a isso. Portanto, travam, lutam por não serem espoliados. Portanto, repare é muito curioso antes do golpe de estado de 1916, nem foi o Salazar, foi um fulano que depois foi ministro de Salazar, escriba de grandes grupos económicos, que disse que o desenvolvimento do país (para eles desenvolvimento era o desenvolvimento dos grandes grupos económicos, o país é só para cobrir isso) não era possível

haver parlamentos, partidos políticos eleições, sindicatos e o direito à greve. E bem pensou que fizeram! E dizia ele “Bem, quando houver partidos e eleições os partidos vão querer todos governar, para governar é preciso prometer coisas, portanto tem que ser só um partido onde não haja espaço para isso.” Repare que o fascismo foi até à Segunda Guerra Mundial. Desapareceu? Não desapareceu. A guerra significou uma enorme derrota para os fascistas, mas historicamente, está comprovado, logo no dia seguinte começaram a reconstruir-se as forças. Eu já disse, e é uma imagem que continuo a usar, em Portugal deu-se um milagre fantástico. É que a seguir ao 25 de Abril desaparecem os fascistas, era tudo democrata, parecia um milagre. E alguns até reivindicavam serem os mais democratas! Desapareceram os fascistas! Alguém depois do 25 de Abril dizia, “Eu sou fascista, eu fui fascista”? Nem pensar nisso, eram todos democratas, os polícias não tinham feito nada, isto era tudo um país do melhor do mundo. Mas eles estavam cá! Alguns meteram-se num comboio, à espera de melhores dias. E era verdade que era difícil, aqui e no mundo, mas repare que a seguir à guerra, porque é que a ditadura de Portugal a ditadura do Franco sobreviveu, tantos nazis foram salvos para os Estados Unidos, para a América Latina. Foram levados! Repare que a NATO, por exemplo, apareceu como a defesa da democracia e da liberdade, mas tinha lá ditaduras fascista. E isto é uma coisa que não podemos esquecer. Podemos pensar diferente, achar que os EUA são isto ou aquilo, mas isto é um facto! Nós tivemos mais 25 anos de ditadura fascista, devemos a quem? Às chamadas democracias ocidentais que reciclaram o Salazar. O Salazar passou a ser um democrata. Um país fascista, com campos de concentração, com prisões, com assassinatos. Portanto, ora bem, hoje vemos que o fascismo não é um fenómeno conjetural, é um fenómeno que surge em determinadas circunstâncias. Quando as classes dominantes já não conseguem funcionar a democracia, democracia, burguesa, nessas condições acontece o que estamos a assistir no mundo fora, à limitação das liberdades. Não é só a extrema-direita, os aparelhos repressivos crescem à velocidade do som. Hoje o fascismo, que lhe chamam o populismo não é, mas populismo é uma outra coisa que algumas forças usam para confundir as pessoas, para não dizer fascismo. O fascismo representa interesses concretos, de classe e formas de governação que lhes impõem esse poder. O caso aqui do Chega, alguns deles são mesmos fascistas, mesmo do passado. Há pouco tempo o Pacheco de Amorim (Vice-Presidente do

Chega) esteve quase a ir para a Assembleia para substituir (o André Ventura) (risos). Um bombista que chega à Assembleia, isto não pode ser subestimado. Vejo aí na televisão, fascistas, bombistas até, comentadores. Qualquer coisa mudou. Gente que está ali a debitar, a atacar até, a cuspir sobre gente que lutou pela liberdade. O problema é que nos quadros, e este é que é o grande perigo, num quadro de crise profunda, há milhões de pessoas desesperadas, e o fascismo, sempre, sempre cavalgou esse desespero. Repare que o Hitler, por exemplo, tinha um talento extraordinário para perceber os sentimentos das pessoas desesperadas, impostos pela 1ª Guerra, “nós vamos restituir a dignidade nacional, acabar com os capitalistas”, tudo mentira que eram os capitalistas que pagavam. O Hitler não dizia que ia por aquele povo na miséria, arrastar para a guerra. Dizia que ia restituir a dignidade da Alemanha, pronto. Ora hoje entra como bandeira matar os bandidos, porque as pessoas sentem que há crimes, roubos, insegurança que ninguém põe bagunçada nisto. Há muita gente que acha que isto estava a precisar de um Salazar que punha isto na ordem. Ora a ordem depois foram 48 anos. Digamos, se quisermos combater o fascismo, e não voltar ao fascismo, só há duas questões, só há duas formas. Uma é, naturalmente, esclarecer as pessoas. A natureza, o que é que representam, os perigos que aí vêm. A outra é resolver os problemas das pessoas. Vou contar-vos uma história muito curiosa. Eu vinha no metro a ler um livro, “Salazar e Opus Dei”, e vinha à minha frente uma senhora, até relativamente, pronto não era daquelas pessoas que a gente dizia que é pobre, e a pessoa olhou para o livro “Ah, estávamos a precisar de outro Salazar”. Epá dizer-me a mim, não sabia quem eu era, se calhar nem sabia quem era a Opus Dei, estava lá o Salazar! E ela disparou-me com isto. Para mim aquilo é uma marretada, um fulano que esteve preso, eu e minha mulher! Falámos com a senhora, “mas você sabe quem era o Salazar?”. Começámos a contar-lhe, a nossa vida. A senhora ficou à rasca. Não era fascista. O que ela sabe é que neste país há coisas que não são admissíveis. Tinha um sobrinho que os pais fizeram sacrifícios imensos para a universidade andava aos paus, não tinha trabalho. Tinha uma vizinha, jovem, mãe solteira, não conseguiu pagar a casa, foi despejada, para ela uma indignidade. Mas pensar que o Salazar resolvia este problema já é um problema. Porque no fundo a indignidade dela era a minha! A indignação é a mesma que a minha, só que ela achava que um pulso forte punha isto tudo na ordem. E é este problema, não resolver os problemas das pessoas, que leva depois às falsas soluções. E sinceramente, digamos que se não travarmos e quem gosta da liberdade, perder a liberdade é muito fácil, mas depois conquista-la é muito difícil. Porque depois lutar por ela é muito difícil, depois lutar por ela já nem todos têm a mesma disposição.

**AJO: Muito bem. Agora só para terminar, nós como Associação Jovem, gostávamos de lhe perguntar se acha que a juventude de hoje em dia tem falhas na sua intervenção na comunidade, de trabalhar para a liberdade e garantir a sua liberdade, porque sente que a sua liberdade é mais assegurada do que na verdade é?**

Historicamente, nós temos que ter uma grande confiança na juventude, por razões óbvias. Primeiro, porque se formos ver na nossa história, a juventude teve sempre um enorme papel e um enorme apego aos valores da liber-

dade e aqui tudo muda. Repare que havia uma expressão do Lenine, estamos a falar de 1917, tem uma expressão muito curiosa. Ele dizia que a juventude é a chama mais pura e mais ardente da revolução. Porque para os jovens para eles é o futuro, é lutar por uma vida diferente, muitas vezes até porque não têm o lastro. No tempo do fascismo porque é que os jovens ocupavam um grande espaço de luta? Pela generosidade, pela combatividade, pela alegria de viver! Pessoas que tinham filhos estavam sempre a pensar, “se eu for preso o que é que acontece aos meus filhos?”. Os jovens (risos) é tudo para a frente. No 25 de abril os jovens tiveram um papel, antes e depois, nas manifestações, num grande empenhamento numa vida nova! Temos hoje algum problema, e qual é o problema? Há muitos jovens empenhados, que lutam, fazem manifestações e lutam por isso. O grande problema é que os jovens, portanto, e sobretudo determinados setores da juventude, têm uma liberdade que foi conquistada não por eles, que é uma coisa um bocadinho diferente. Isto é, para vocês, nasceram todos depois do 25 de abril, a liberdade é como respirar. Eu quando vou às escolas costume dizer, eu ia descalço para a escola, hoje nenhum jovem vai descalço para a escola! Eu até costume brincar, com aqueles ténis de alta categoria, e digo “Isso é do 25 de abril”. Se vocês fossem filhos de trabalhadores com grande probabilidade iam para a escola descalços. E já por muitas vezes, um jovem me perguntou se aquilo que eu estava a dizer não era tanga! Porque é um absurdo, é um absurdo! Para eles é um absurdo! Eu não sei se usei isso quando fui ao Bombarral, mas as manifestações de afeto na rua eram proibidas. Os vossos pais iam todos à falência, porque uma gente chega à escola, os jovens beijam-se ninguém os cabeça. Isso não era possível! Mas para eles, nem lhes passa pela cabeça que isso fosse assim! Querem ouvir música, ouvem a música que querem! Mas não era assim, e a grande parte nem sequer ia à escola, porque o ensino que temos hoje é uma conquista do 25 de abril, as raparigas então, nas famílias pobres! Na minha família só o meu irmão é que foi à escola secundária, então raparigas nem pó, começavam logo a trabalhar. Portanto e eu acho que isso aliás é uma batalha quando vou às escolas, quando foi no discurso em Peniche [na inauguração do Museu Nacional Resistência e Liberdade]. O ensino, não são os comunistas ou os antifascistas que vão às escolas explicar, os livros, os professores deviam ter, o Ministério de Educação devia ter uma função didática de educação democrática dos jovens! Não tem e naturalmente depois querem-se fazer lutadores como? Ora, mas há uma coisa que é certa, a jovem geração, se não lutar, ninguém lhes vai dar trabalho, o desemprego vai ser uma coisa assustadora. Mas a geração de hoje tem uma coisa que a minha geração não teve. Pode lutar por isso sem ser preso, sem ser assassinado, sem estar privado dos filhos! E isto não é um problema pequeno, faz toda a diferença, mas é preciso que sejam educados nesta luta! •

# MOVE ASSOCIATIVISMO

## 25 DE ABRIL

O papel do associativismo no 25 de Abril

Conceição Brazão Correia  
Coordenação do MOVE  
Associativismo

Todos nós sabemos que a origem do associativismo é marcada pela sua multifuncionalidade, reflexo da sua geografia social.

Esta característica levou a que as associações se organizassem de acordo com duas tipologias, as associações fundadas entre as elites e as associações fundadas pelos assalariados em geral. Durante o Estado Novo isto era bastante visível, tornando-se o associativismo num reflexo da divisão entre classes sociais.

A participação nas associações tinha ainda outras limitações, nem todos/as podiam participar, as mulheres eram completamente ignoradas neste mundo, o seu papel era limitado ao lar e à família, ficando o mundo associativo reservado aos homens.

As mulheres não podiam fazer parte das listas para os órgãos sociais e para serem associadas dependiam da autorização do pai ou do marido.

Mesmo em momentos de lazer, como era o caso dos bailes e festas, as mulheres nunca podiam ir sozinhas, tinham de fazer-se acompanhar pelo marido, pai ou uma mulher mais velha de confiança. Também as crianças e jovens estavam limitadas na sua participação, não podiam ir aos eventos sociais, havendo sempre polícia à porta para fiscalizar.

A diversão era oprimida, viva-se num clima de medo especialmente medo que um informador da PIDE denunciasse alguém que ousasse desobedecer a repressoras regras impostas. As coletividades eram atrativas para a PIDE, por já na altura serem um importante espaço de convívio e partilha social e por isso representavam uma ameaça para o Estado Novo.

Mas, as mulheres e homens desse tempo com a sua coragem e determinação souberam ultrapassar todos os obstáculos impostos pelo regime e de forma, muitas vezes clandestina trabalharam nas coletividades para conquistar a liberdade e o desenvolvimento desejado para o país. E a liberdade e o progresso viriam a ser alcançados em 74.

Após o 25 de abril de 1974 verificou-se uma explosão no crescimento do movimento associativo popular devido a cinco aspetos importantíssimos, são eles:

- Aumento considerável do número de associações;
- As coletividades de elite começaram a ser mais ecléticas;
- O aparecimento ou explosão significativa de outros tipos de associações, por exemplo associações de moradores, associações juvenis, etc.;
- Transformação de muitas coletividades de cultura e recreio em Instituições Particulares de Solidariedade Social;
- A integração de um elevado número de coletividades de cultura e recreio em algumas das designadas OIDL – Organizações de Iniciativa e de Desenvolvimento Local.

Tempos gloriosos para as coletividades onde para além destes cinco pontos temos a integração das mulheres, das crianças e dos jovens no associativismo.

Os medos sentidos anteriormente dissiparam-se, deram lugar à liberdade e ao direito de ter acesso à cultura, recreio e desporto. Após o 25 de abril, as pessoas vivam com um sentimento de esperança e forte desejo de se envolverem nesta nova fase de transformação do país.

Atualmente enfrentamos novos desafios, as alterações sociais foram significativas e a utilização massiva das novas tecnologias veio afastar as pessoas destes contextos para as isolar em frente aos ecrãs.

Apesar dessas mudanças, o movimento associativo continua a representar uma parte

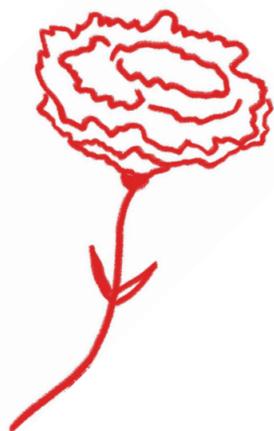


Foto: RTP

fundamental da economia social com uma expressão monstruosa na sociedade e na vida das populações.

Basta imaginarmos o que seria se um dia o movimento associativo deixasse de existir? Quantas crianças deixariam de praticar desporto? Quantas aldeias deixariam de ter atividade cultural? Quantas pessoas deixariam de ter um espaço de convívio e discussão?

As coletividades, são um parceiro incontornável do poder local, pois elas garantem muitas das respostas que existem localmente. O poder local e o poder central não têm a capacidade de assegurar, muitas vezes de forma gratuita ou com custos simbólicos o acesso ao desporto, à cultura, ao lazer, ao recreio e fazem-no através de dirigentes associativos que trabalham de forma voluntária e benévola.

O 25 de Abril de 74 trouxe-nos a liberdade de expressão e de participação, esse é um direito e também um dever, por isso devemos reforçar e valorizar o papel das coletividades.

A sociedade não avança sem a força do movimento associativo.

Viva o Movimento Associativo Popular!

Viva o 25 de abril!



# ABRIL EM 3 PEÇAS

Como viver o 25 de Abril no séc. XXI

CLICA NOS ICONES!

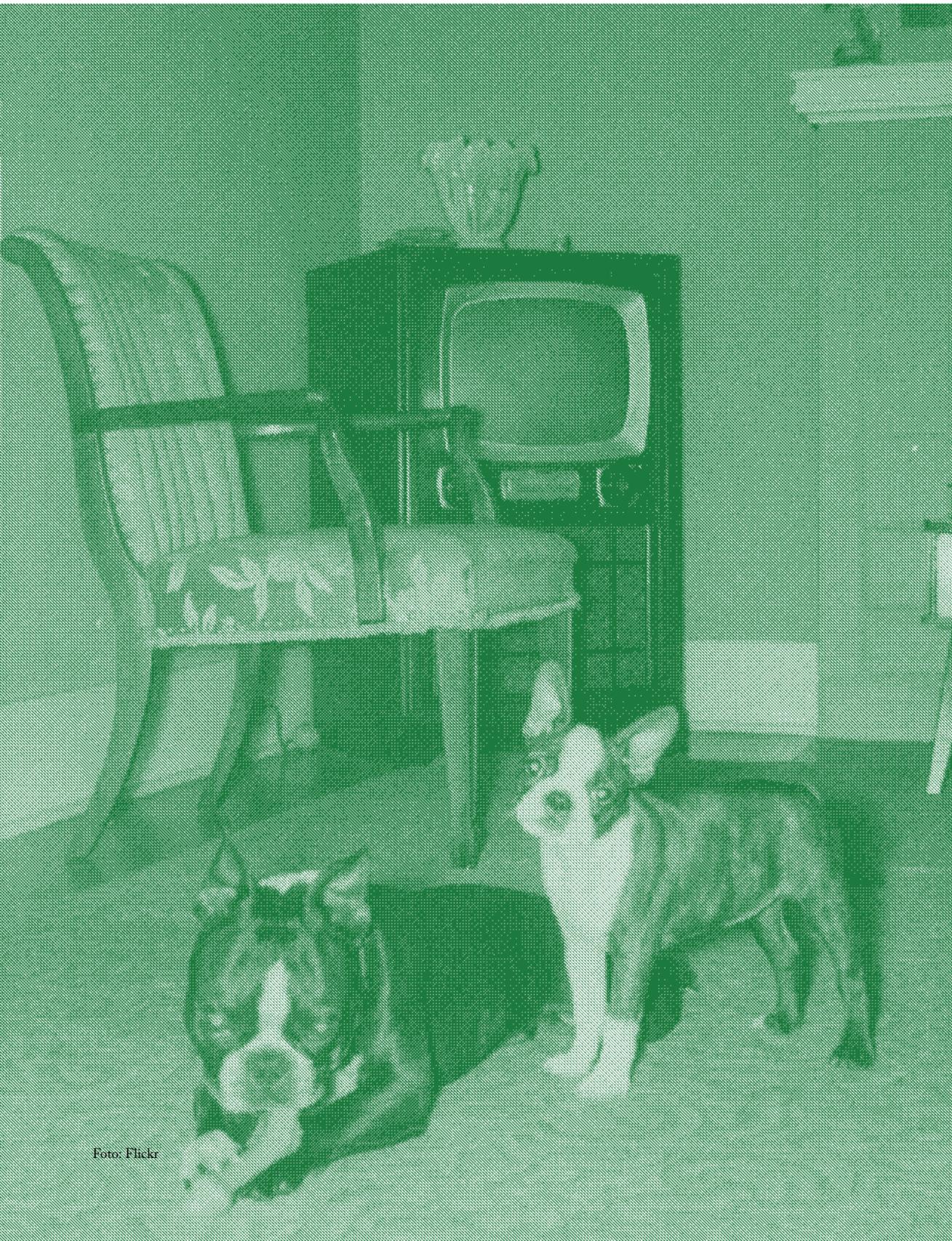


Foto: Flickr

## O álbum: José Mário Branco – Canções Escolhidas 71/97 (1999)



Para celebrar Abril, o álbum que tenho a recomendar é o “Canções Escolhidas” de José Mário Branco. Há nomes na música revolucionária que são incontornáveis, entre eles Zeca Afonso, Sérgio Godinho e José Mário Branco. Apesar das cantigas essenciais destes dois primeiros, tal como “Grândola Vila Morena” ou “Os Vampiros” de José Afonso ou “O primeiro dia” e “Liberdade” de Sérgio Godinho, recomendo este álbum de José Mário Branco pois acaba por albergar todo o sentimento revolucionário do 25 de abril ao longo das 16 músicas selecionadas. Sendo um projeto musical onde residem alguns dos grandes êxitos do cantautor português, tanto temos músicas que captam perfeitamente o espírito de camaradagem da época, tal como em “Eh Companheiro”, como músicas de sentimento anticapitalista que os revolucionários de Abril nos habituaram, como em “O Charlatão” e, finalizando o repertório com os clássicos “Inquietação” e “Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades, este projeto musical capta na perfeição as rajadas revolucionárias que se viveram em 1974.

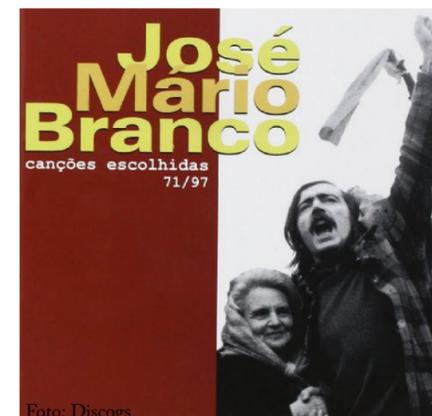


Foto: Discogs

## O documentário: As Armas e o Povo (1975)



Realizado pelo Sindicato dos Trabalhadores da Produção de Cinema e Televisão, este documentário retrata o período vivido entre o dia 25 de abril e o 1º de maio de 1974. Para além de captar os famosos discursos de Álvaro Cunhal e de Mário Soares, bem como todo o ambiente de liberdade inerente ao primeiro Dia do Trabalhador após o fim da ditadura, esta peça acaba também por documentar as expectativas do povo português para um Portugal democrático, com algumas entrevistas a pessoas da chamada “povo comum”, tal como a prisioneiros políticos recém-libertados das cadeias que os prendiam, onde alguns mencionam a tortura que sofreram ao serviço da PIDE/DGS. Apesar das promessas de abril de liberdade e democracia, podemos auferir que há um primeiro sentimento de alívio, mas também de desconfiança e de incerteza relativa aos tempos que se avizinhavam, pois no rescaldo da revolução, ainda ninguém sabia muito bem por qual caminho Portugal iria seguir. Fica a recomendação de um excelente documentário que retrata as expectativas e esperanças do povo português num Portugal pós revolução.



Foto: Memorable cinema

## O filme: Capitães de Abril (2000)



Provavelmente a escolha cinematográfica mais óbvia, o filme “Capitães de Abril”, de Maria de Medeiros, é incontornável para qualquer um que queira recordar ou conhecer a história do 25 de abril de 1974. Baseado no golpe militar que pôs fim à ditadura em Portugal, este filme retrata ao pormenor o dia da revolução e destacando o papel de Salgueiro Maia e a sua importância para o sucesso da revolução, tornando-se essencial para todos os que queiram recordar um dos pedaços mais importantes da história portuguesa.

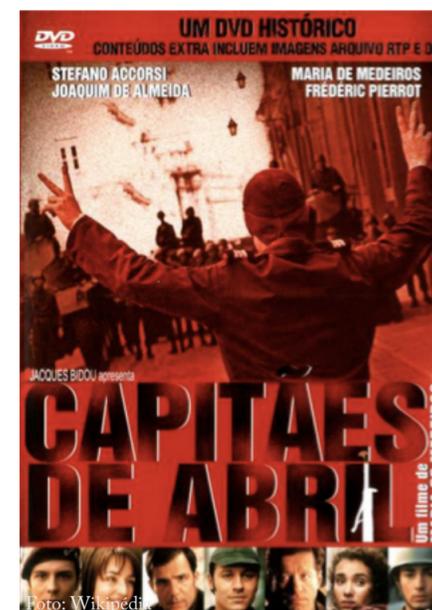


Foto: Wikipédia

**“ ADMITO QUE A REVOLUÇÃO SEJA UMA UTOPIA MAS NO MEU DIA A DIA PROCURO COMPORTAR-ME COMO SE ELA FOSSE TANGÍVEL. CONTINUO A PENSAR QUE DEVEMOS LUTAR ONDE EXISTA OPRESSÃO SEJA A QUE NÍVEL FOR. ”**

José (Zeca) Afonso

Se tens alguma ideia inovadora para o Oeste, se queres contribuir para esta publicação ou simplesmente deixar o teu feedback contacta-nos em:

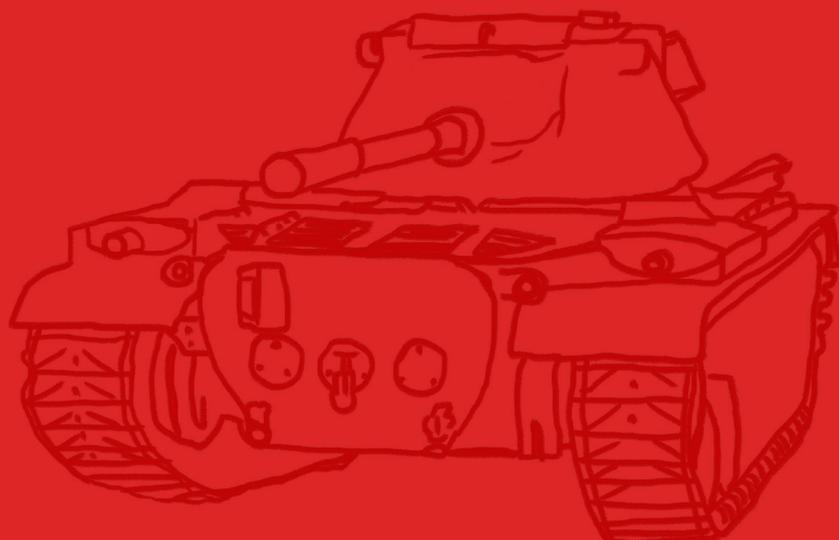
✉ [GERAL@AJO.PT](mailto:GERAL@AJO.PT)

Segue-nos nas redes sociais:

🌐 [SITE DA AJO](#)

📷 [INSTAGRAM](#)

📘 [FACEBOOK](#)



A Ajo agradece a todos os que contribuíram para esta edição.

Os artigos de opinião publicados não representam necessariamente a opinião da Ajo ou de qualquer um dos seus membros.

Os textos da presente edição foram escritos à luz da versão do acordo ortográfico da preferência da cada autor.